



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Educação e Literatura: saberes, cultura e leitura

Sinop, v. 10, n. 1 (26. ed.), p. 548-559, jan./jul. 2019

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

OS DESAFIOS DO ENSINO DA LEITURA LITERÁRIA EM CONTEXTO DE SALA DE AULA

THE CHALLENGES OF TEACHING LITERARY READING IN A CLASSROOM CONTEXT

Edineia Duarte da Silva

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar as discussões e reflexões acerca da importância da leitura literária crítica no contexto da sala de aula na contemporaneidade. Para tanto, realizou-se entrevista com uma professora do Ensino fundamental e Médio. A pesquisa é de cunho bibliográfico e teve como principais teóricos: Rildo Cosson, Marisa Lajolo, Delia Lerner entre outros, que dialogam sobre o tema letramento literário. Os resultados obtidos mostram os desafios a serem superados na busca pela formação leitora, apontando os possíveis caminhos que norteiam esse processo rumo ao reconhecimento do poder transformador da literatura.

Palavras-chave: Literatura. Letramento Literário. Prática docente.

ABSTRAC

This article aims to present the discussions and reflexions about literary critic reading in a classroom environment in the contemporaneity. Because of that, an interview with a secondary and high school teacher was conducted. The research had a bibliographic profile, having as theoretical basis: Rildo Cosson, Marisa Lajolo, Délia Lerner among others, which discuss the theme literary literacy. The results found present the challenges to be overcome when it concerns the search of a



reading formation, pointing to the possible paths that guide the process towards the recognition of reading changing power.

Keywords: Literature; Literary Literacy; Teaching Practice

Correspondência:

Edineia Duarte da Silva. Graduada em Licenciatura Plena em Letras e Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Inglesa e Portuguesa pela UNEMAT, Universidade do Estado de Mato Grosso. Atua como professora na rede privada de Ensino no Colégio CAD. Mestranda do PPG-Letras, Mestrado acadêmico da Universidade do Estado de Mato Grosso. Participante do GEOCOLIT, Grupo de Estudos Comparativos de Literatura: tendências identitárias, diálogos regionais e vias discursivas. Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: edineiadsf@hotmail.com

Recebido em: 13 de dezembro de 2018.

Aprovado em: 08 de março de 2019.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3400/2489>

1 INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que a formação de leitores é um processo inferencial, este artigo torna-se relevante pois tem como objetivo refletir a prática docente e sua condição fundamental na atuação formadora da identidade desse sujeito leitor desde as séries iniciais. O hábito da leitura é uma necessidade social, porém, há uma diferença entre decodificar códigos e produzir sentidos naquilo que se lê, a prática leitora é, portanto, um importante instrumento de transformação social.

Percebe-se a importância da motivação por parte do professor em sala de aula, a fim de despertar no aluno o interesse pela leitura, tendo em vista a influência dos meios tecnológicos que, na maioria das vezes, dispersam os leitores que por sua vez, fixam-se em leituras superficiais, deixando em segundo plano textos literários de cunho reflexivo ou crítico.

No contexto de aula, muitas vezes, a literatura é tratada como um objeto de estudo e não como uma forma de uso da língua, um espaço de interação entre textos e leitores, assim, o ato de ler literatura não engloba o aprimoramento dos conhecimentos sobre o mundo ou a apreciação estética dos textos. Lê-se somente

para atingir objetivos específicos, tais como fazer uma prova, preencher uma ficha de leitura ou passar no vestibular. Uma vez que esses objetivos são alcançados, não há finalidade para a leitura, nem para a motivação, o ato de ler fica condicionado a uma formalidade escolar que não se sustenta. Paradoxalmente, a escola é a responsável por desestimular a leitura literária.

2 PERCURSO TEÓRICO

O *déficit* de leitura aplica-se, muitas vezes, às experiências negativas pelas quais o aluno passou e que ainda persistem em muitas escolas, o que leva a uma possível causa desse panorama. É missão da literatura formar e incentivar novos leitores. Portanto, a escola deve explorar o uso de várias estratégias, realizando o trabalho com diferentes linguagens, em consonância com as Diretrizes Curriculares (BRASIL, 2000, p. 121):

[...] adotar formas de trabalho que proporcionem maior mobilidade às crianças na sala de aula, explorar com elas mais intensamente as diversas linguagens artísticas, a começar pela literatura, utilizar mais materiais que proporcionem aos alunos oportunidade de raciocinar manuseando-os, explorando as suas características e propriedades, ao mesmo tempo em que passa a sistematizar mais os conhecimentos escolares.

A socialização na sala de aula das leituras realizadas pelos alunos é uma forma eficaz de tornar a literatura significativa a partir dos relatos de experiências de cada um. Dessa forma, é possível estimular a criticidade e interação social por meio dos textos literários que por sua vez, ampliam o universo cultural de seus leitores. Formar leitores críticos não tem sido uma tarefa fácil para os professores de literatura no contexto atual. Todavia, sabe-se que cabe a escola desde as séries iniciais, motivar e delinear o caminho do aluno rumo à leitura. Nesta perspectiva Alves (2008, p. 61) discorre que:

[...] de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer. As escolas produzem, anualmente, milhares de pessoas com habilidade de ler, mas que, vida a fora, não vão ler um livro sequer. Acredito piamente no dito do evangelho: “No princípio está a Palavra...” É pela palavra que se entra no mundo humano.

O ensino da literatura não se reduz à mera explanação da vida e obra de autores, ou pior, utilização do texto literário aos estudos de regras gramaticais, tal prática reduz o fenômeno literário às informações irrelevantes ao fazer poético do aluno em processo de formação. Uma mudança de postura é necessária por parte do professor, que é visto como mediador entre aluno e textos literários, sejam estes canônicos ou contemporâneos, a fim de proporcionar a ressignificação do mundo da sociedade em que estão inseridos.

Conforme explícito nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 2000, p. 119) “[...] preconiza-se que a concepção curricular seja transdisciplinar e matricial, de forma que as marcas das linguagens [...] que permitem uma leitura crítica do mundo, estejam presentes em todos os momentos da prática escolar.”

A leitura de textos, especialmente os literários, propicia ao leitor uma maior interação com as pessoas e com o meio em que vive. Trata-se de uma construção dialógica a partir das variadas possibilidades de ressignificação do mundo que o cerca. Para tal, a autora Lerner (2002) chama-nos a atenção para a necessidade de o docente visitar constantemente sua prática literária no contexto de sala de aula, com a finalidade de levar o aluno a exercer de maneira efetiva seu papel de cidadão atuante, o que o levará a questionar e propor mudanças em diversos setores da sociedade. Lerner (2002, p. 18) salienta que:

O necessário é preservar na escola o sentido que a leitura e a escrita têm como práticas sociais, para conseguir que os seus alunos se apropriem delas possibilitando que se incorporem à comunidade de leitores e escritores, a fim de que consigam ser cidadãos da cultura escrita.

Assim, percebe-se que para atender as novas demandas da sociedade, o aluno precisa saber muito mais que ler e escrever; precisa ser protagonista na construção de novos horizontes, portanto, é preciso considerar a comunicação e a interação como pilar desse processo que leva a busca constante de conhecimento. Cosson (2006) corrobora que as aulas tradicionais levam o aluno apenas à aprendizagem sobre literatura, história e teoria crítica. Já a aprendizagem por meio da literatura traz saberes e habilidades. Portanto, experimentar a literatura por meio da palavra deve ser regra e não exceção. Lourenço Filho (1943, p. 158) enfatiza:

A literatura arte que é há de suscitar o bom gosto, o senso de medida, o desejo de superação, há de concorrer para o uso, crescentemente aprimorado, da linguagem, instrumento natural de comunicação e expressão entre os homens, por si mesmo arte também; há de mim; cooperar, com as demais formas e processos de educação para a compreensão do pequenino mundo da criança.

Os desafios conceituais que temos hoje para superar, tendo em vista a inaptidão leitora da sociedade brasileira como um todo, são inúmeros. Nesse sentido, buscaremos por meio de alguns autores destacar brevemente alguns conceitos e reflexões acerca do saber literário no âmbito escolar. A literatura nos diz quem somos, incentiva-nos a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. Isso se dá porque “a literatura é a projeção do outro em mim, sem a necessidade de renunciar da identidade” (COSSON, 2006, p. 22). Segundo esse autor:

No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção.

Discutir os benefícios ou não da literatura na vida dos sujeitos não é o mais relevante, mas os direitos de acesso a quaisquer textos literários por parte da população em todos os espaços possíveis. Britto (1998, p. 58) assevera que:

O leitor não é um sujeito desarraigado de sua condição de classe, que encontra na leitura uma forma de redenção individual. O que está em questão é o direito do cidadão de ter acesso (material e intelectual) à informação escrita e à cultura letrada e não um comportamento de avaliação subjetiva.

As práticas educativas devem estar em consonância com as necessidades do aluno. É papel do professor revisar suas metodologias, de modo que atenda às demandas sociais daquele grupo em específico, a fim de torná-lo parte integrante do processo de formação cidadã que a literatura promove. Lajolo (1986, p.53) aponta que:

Se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes

os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para o aluno, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas.

Todo professor que deseja formar leitores críticos precisa antes de tudo, ser leitor assíduo de literatura, pois “a literatura é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a”. (CANDIDO, 2010, p. 84). O direcionamento à leitura dado pelo professor estimula o aluno no processo de aprendizagem oportunizando a ele ser protagonista do seu saber.

Dessa maneira, o texto literário é visto como emancipador de mentes que atua diretamente na formação de indivíduos autônomos e questionadores da realidade que os cercam. Compreendida como “[...] algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (1972, p. 804), Candido enfatiza a função formadora e, por isso, transformadora da literatura, seja porque “[...] enriquece a nossa percepção e a nossa visão de mundo” (CANDIDO, 1995, p. 248), seja por satisfazer uma das necessidades mais básicas do ser humano.”

A leitura literária é um convite à reflexão, cabe ao professor enquanto mediador proporcionar aulas que estimule de forma autônoma o potencial crítico do aluno.

3 METODOLOGIA

Para elaboração deste trabalho, fez-se necessário uma investigação qualitativa, acerca da importância da inserção dos textos literários no contexto de sala de aula. Porém, o interesse não é descrever a cultura de um determinado grupo, mas refletir sobre o processo educacional e os mecanismos de exercícios durante a prática, considerando-se, principalmente, o engajamento literário. Buscou-se acentuar as contribuições do professor, enquanto mediador na construção de sentidos, diante dos inúmeros desafios encontrados para a formação de leitores críticos e atuantes.

Desse modo, empreende-se uma revisão bibliográfica fundamentada, principalmente, em autores como Rildo Cosson, Marisa Lajolo, Delia Lerner. A análise do processo contou ainda com a entrevista da professora Mestra Eliana

Aparecida dos Santos, atuante nos Ensinos Fundamental e Médio, lotada na escola Estadual André Antônio Maggi, no município de Feliz Natal, Mato Grosso.

A entrevista consistiu-se em perguntas elaboradas previamente, enviadas e respondidas por *e-mail* pela professora. Apresenta-se a seguir a visão da professora sobre a importância do ensino da literatura no contexto de sala de aula.

(01) Eliana Aparecida dos Santos: A literatura deveria ser o foco das aulas de Língua Portuguesa, mas, infelizmente, a literatura ainda não se faz presente, de forma efetiva, na sala de aula. Entretanto, quando ela está presente, percebo que os alunos demonstram muita aptidão para discutir temas relevantes, analisar enredos e inclusive julgar ou não alguns personagens. A produção escrita torna-se mais agradável e o ato de ler não é visto como uma atividade monótona. Desde que para isso o professor utilize estratégias que envolvam a turma.

Percebe-se a convicção na fala da entrevistada ao mencionar que, apesar dos benefícios da literatura, esse não é o foco nas aulas de Língua Portuguesa. Porém, a professora se posiciona positivamente em relação à necessidade de se discutir temas relevantes em sala de aula por meio de textos literários.

Evidencia-se, portanto, priorizar o ensino da literatura de forma sistematizada e contemplada, por meio do currículo escolar que proponha a disposição do conteúdo literário conforme conceituado pelos PCNs (BRASIL, 2006 p. 8): “[...] a política curricular deve ser entendida como expressão de uma política cultural, na medida em que seleciona conteúdos e práticas de uma dada cultura para serem trabalhados no interior da instituição escolar.”.

O texto literário possui também um caráter lúdico e pedagógico que possibilita a criança imaginar e recriar seu espaço e seus costumes. Quando questionada sobre como despertar o gosto pela leitura literária a partir dos contos de fadas, a professora enfatizou os benefícios, bem como, apontou meios de torná-la mais atrativa partindo de propostas de reinvenção dos contos tradicionais com o auxílio de outros suportes pedagógicos.

(02) Eliana Aparecida dos Santos: Os alunos gostam de ler, principalmente histórias que trabalham com a fantasia e a imaginação, entretanto, o cuidado que se

deve ter é quanto à forma de propor essa leitura. Exemplo: ler e responder questionários não incentiva o aluno a gostar de ler. Nas minhas propostas procuro apresentar atividades lúdicas que façam com que o aluno tenha interesse em ler mais, seja com desenhos, produção de vídeos e fotografias, músicas, enfim, procuro inúmeros textos verbais ou não verbais para chamar a atenção dos alunos, são propostas que deixam o aluno entusiasmado, e conseqüentemente, com mais vontade de buscar novas leituras.

Apresentar diferentes versões do texto estudado também é uma excelente proposta, privilegiando o discurso e o conhecimento de mundo do aluno que buscará por meio da leitura compreender e interagir de forma autônoma nos espaços sociais coletivos em que está inserido. Uma realidade dinâmica, diferente que mostra a necessidade da aquisição de algo mais que informações.

A disponibilidade do professor em diversificar as aulas de literatura é fator primordial no engajamento literário por parte dos alunos. Romper com conceitos pré-estabelecidos de que o texto literário servirá apenas para preenchimento de fichas e avaliações posteriores é um desafio para os docentes. Lerner (2002, p. 18) discorre que:

O necessário é fazer da escola um ambiente onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitam repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidade que é necessário assumir.

Figura 01 – Capa do livro **Ler e escrever na escola**



Fonte: Amazon (1998)

Figura 02 – Roda de leitura



Fonte: SóEscola (2016)

Atendendo as demandas sociais da atualidade a literatura pode ser vista como um instrumento, que possibilita meios para discussões e reflexões acerca de

temáticas emergências como por exemplo: “o papel da mulher na sociedade atual” a partir da leitura de contos de fadas tradicionais e contemporâneos , ao ser questionada sobre a importância desses debates a professora afirma serem relevantes, porém há limitações que impedem a realização com frequência dessa atividade.

(03) Eliana Aparecida dos Santos: Os alunos possuem um posicionamento muito crítico, o que nos falta é disponibilidade para explorar todas as possibilidades. Em uma sala com 35 ou 40 alunos você precisa limitar algumas discussões. Entretanto, percebo que os alunos gostam de debates, as exemplificações que eles apresentam, muitas vezes, nos surpreende. Os contos clássicos aliados ao contemporâneo chamam muito a atenção dos alunos. Nós [professores] é que subestimamos a capacidade do educando.

Diante da fala da professora entrevistada, nota-se a importância da mediação do professor e a participação ativa dos alunos para tornar as aulas de literatura um espaço de troca de saberes. O professor como norteador deve apresentar elementos textuais e completo domínio sobre o assunto a ser explorado, objetivando despertar no aluno o interesse em estudar obras clássicas e conceituá-las a sua realidade. Anhaia e Zimmermann (2015, p. n.p.) afirmam que:

A grande riqueza da literatura é a multiplicidade de sentidos, portanto, é essencial fugir da interpretação única e da imposição de um sentido “correto”, aquele dado pelo professor em sala de aula. A aula de literatura deve estimular as diferentes leituras dos alunos, que, ao se cruzarem, vão construindo uma comunidade de leitores, que trazem diferentes histórias de vida, diferentes bagagens culturais e relações estabelecidas. O papel do professor e mediador de leitura não é o de desautorizar interpretações diferentes da sua, e assim calar o aluno, mas é o de, além de expor a sua leitura, estimular leituras diversas, mantendo sempre o texto como limite (pois nem toda interpretação é possível) e, assim, valorizar a voz do aluno e estimular sua autoestima.

Criar alternativas lúdicas e prazerosas como leituras ao ar livre e rodas de leitura, buscando envolver os alunos, mostra que a preocupação por parte do professor em modificar a realidade leitora dessa criança perpassa por ações simples, porém eficazes na luta por maior interação educacional. Lajolo (1993) defende a necessidade do desenvolvimento de um projeto de leitura na escola,

afirma a importância de o professor ler com e para os alunos, pois “estará dando a eles um modelo de leitura oral”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura quando está presente na vida do homem contribui para sua formação e atuação crítica na sociedade. Cândido (1972) crítico literário conceitua a literatura como sendo humanizadora e transformadora da realidade de muitos que dela se apropriam. É papel das instituições de ensino garantir a todos os alunos o direito à literatura com projetos que viabilizem o acesso literário. A formação de uma sociedade mais justa e igualitária perpassará pelo chão da escola.

Diante do estudo realizado, percebe-se que os desafios dos profissionais da educação na formação de leitores críticos, a partir de textos literários, são muitos, a começar pela dificuldade de tornar a leitura desses textos o foco nas aulas de Língua Portuguesa, o que demanda tempo, já que em muitas escolas o currículo escolar não contempla essa disciplina.

É oportuno lembrar que para os alunos usufruírem do processo de letramento literário, faz-se necessário a disponibilidade do professor em sala de aula, conforme mencionado pela professora entrevistada. Toda a ação de despertar o prazer pela leitura dependerá desse profissional que atuando de forma diversificada proporcionará momento de interação e ressignificação social.

Cabe ainda dizer que a educação exige de seus profissionais dedicação e práticas pedagógicas que motivem os alunos a serem parte integrante da sociedade, agregando valores e impulsionando-os a fazer da literatura uma aliada nessa busca pelo novo.

REFERÊNCIAS

ANHAIA, Sabrina Aparecida de Amorin; ZIMMERMANN, Fernanda. Letramento literário: o papel do professor e do aluno na leitura em sala de aula. *In: PIBID/SUL - PARFOR/SUL - ENLICSUL - 1º SEMINÁRIO REGIONAL PROESDE / LICENCIATURAS/SC. Anais eletrônicos...* Lages, SC: UNIPLAC/Even 3, 2015. Disponível em: www.even3.com.br/Anais/pibidsul/22852-LETRAMENTO-LITERARIO--O-PAPEL-DO-PROFESSOR-E-DO-ALUNO-NA-LEITURA-EM-SALA-DE-AULA. Acesso em: 05 out. 2018.

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitor Interditado. In: MARINHO, Marildes; SILVA, Ceris Salete Ribas da. (org.). **Leituras do professor**. Campinas: Mercado de Letras - Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998. p. 61-78.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**: Ciência e Cultura, São Paulo, 1972.

_____. **O direito à literatura**. In: _____. Vários Escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas metodológicas. 6. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986, p. 53-61.

_____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Como aperfeiçoar a Literatura infantil. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 146-69, 1943. Disponível em <http://www.academia.org.br/publicacoes/revista-brasileira>. Acesso em: 05 out. 2018.

SANTOS, Eliana Aparecida dos. **Eliana Aparecida dos Santos**. Entrevista [01 out. 2018]. Entrevistadora: Edineia Duarte da Silva. Sinop, MT, 2018. Enviada por e-mail (1 f.). Entrevista concedida para escrita do artigo acadêmico sobre Letramento literário.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed. 2002. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Ler-Escrever-na-Escola-Real/dp/8573079576https://images-na.ssl>. Acesso em: 05 out. 2018.

RODA DE LEITURA. **A importância da roda de leitura em sala de aula**. 2016. 1 fotografia, color. Altura: 640 pixels. Largura: 480 pixels. Formato JPEG. Disponível em: <https://www.soescola.com/wpcontent/uploads/2016/08/roda.jpg>. Acesso em: 05 out. 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a disponibilidade da professora Eliana Aparecida dos Santos que gentilmente cedeu-me a entrevista.